

Uma vista do panorama da nossa Aldeia de Moçambique

MOÇAMBIQUE

Portas e coração abertos

VÍEMOS para Moçambique, numa hora, ainda de futuro incerto, conscientes do muito que nos esperava, mas tranquilamente confiantes na missão que Deus nos punha em mãos.

Tendo como alvo principal as crianças da rua, que ao tempo eram muitas, foi-se desdobrando rapidamente a nossos olhos que o problema não era a «exclusão social», como agora se diz, mas simplesmente uma forma necessária de sobreviver. Quantas vezes mais, recebe ainda hoje, uma criança a pedir, do que a mãe o dia todo entregue ao que se chamava antigamente «negócio de quinhenta»?

Na aldeia da Massaca, onde escolhemos ir morar porque na fazenda oferecida não havia lugar adequado, o povo passava o dia deitado à sombra, a poupar energias, à espera de comer um pouco à noite.

Não podíamos ficar indiferentes à sorte de tantos que ali viviam. À noite, corríamos ao hospital levar parturientes. De dia, uma e duas vezes presenciávamos grupos a levar outros ao cemitério. Se perguntávamos a causa da morte, a resposta era invariável: «estava doente». Começou daí o nosso serviço de saúde, embrionário ainda. A causa da morte, no levantamento feito então em toda a aldeia, estava na diarreia sanguínea e na malária. Hoje, com latrinas em todos os talhões, não há mais diarreia sanguínea e o Posto de Saúde, com todos os equipamentos necessários, consegue controlar a malária, que embora muito frequente, já baixou para pouco mais de metade.

A nossa vida repartiu-se necessariamente. Os rapazes, a nossa família. Todos os outros, os nossos vizinhos. Somos, é claro, a família maior. Aos

Domingos a celebração da Eucaristia começou a juntar-nos festivamente e tem-nos feito crescer juntos na Fé. A oração do Pai Nosso é sempre cantada, e de mãos dadas, para significarmos uns aos outros a solidariedade na Fé, no louvor a Deus que é Pai, e na súplica do pão de cada dia. Os Pobres sabem em quem confiar.

Na Massaca temos a maior Creche. São oitocentos e cinquenta crianças que diariamente recebem o asseio, as refeições, o ensino até à segunda-classe, e os cuidados delicados de saúde. Temos o melhor Posto de Saúde onde ocorrem todas as crianças da aldeia, os nossos

trabalhadores e muitos mais, sobretudo portadores de malária. Temos o Breçário para bebés desnutridos, que continuam a nascer assim pela fome que passam algumas mães, normalmente sem marido. Há também o maior número de habitações em alvenaria, micro-empresas, aviários, gado de tracção para as lavras e para carne.

Na Massaca fomos escolher os construtores da nossa Aldeia, os nossos trabalhadores do campo e dali são todos os guardas, armados ou não, que garantem a todos nós um sono repouso ao fim de cada dia de trabalho.

Na Massaca moram alguns dos nossos professores e de lá vem a maioria dos jovens à Escola da Casa do Gaiato, que partilhamos na Secundária.

São quase doze anos lado a lado e assim será como em todas as Casas do Gaiato. Portas e coração abertos.

Padre José Maria

PRATICANDO O BEM

Eucaristia

TENHO passado as últimas tardes de sexta-feira a visitar doentes.

É uma necessidade que sinto para celebrar com alguma amplitude o mistério da Eucaristia com o povo crente.

Em Casa, abarco, mais ou menos, a vida tanto quanto possível. A minha relação com os rapazes, os seus problemas e dificuldades, os seus fracassos e alegrias, dá-me a dimensão humana do sacrifício divino a que me associo.

Dentro da pequenez e limitação pessoal, a vida dos rapazes e dos Pobres empresta-me asas para saborear o Mistério. É sempre dela, da Vida, que lhes falo iluminado pela Palavra Viva.

É este tecido diário de sofrimentos, trabalhos e diversão, sonhos e realidades, ilusões e objectividade que pesa na minha oferta ao Senhor, com Ele a purificar tudo.

A vida da Obra, porém, não se confina aos rapazes. Os pobres e os doentes, sobretudo os mais enfermos e abandonados, fazem parte da nossa predilecção. Temos com eles um relacionamento vital de compromisso indispensável.

A Fé diz-nos que os doentes baptizados são membros de Cristo; de Cristo doente, moribundo, em sofrimento. Eles continuam e prolongam, actualizando em cada dia, de forma viva, o Padecimento Redentor. Fazem, por isso, parte do Mistério. Estão n'Ele incorporados. Sem os termos no coração, a nossa Eucaristia é menos rica.

Tem-me feito bem privar com os doentes. Ouvir as suas confidências mais íntimas, em nome de Deus, as suas dores e carências mais profundas, e receber deles expressões de afecto quase sobrenatural.

Encontrei uma doente com três filhos anormais. A mais velha, de aproximadamente quarenta anos, muito pacífica e doce, foi-me, assim, apresentada pela mãe: «É a minha inocente. É ela que me defende dos irmãos».

Envelhecida, vive naquela casa, de que paga renda, há sessenta anos. Uma casa de lavoura, antiga, sem condições nenhuma, nem água nem luz.

Agora, tem uma acção de despejo.

O que é sofrer?!...

— Sabe, padre, davam-me casa noutra terra, mas é longe da minha família..., e..., depois..., quem me vale? Vivo aqui há sessenta anos! Não me atrevo a deixar estas paredes.

Jovem, quis ser religiosa. Não a deixaram. Teve três filhos, todos anormais.

É viúva!

A minha presença serviu-lhe de enorme consolo!

— Não saia da sua casa! Ninguém a pode tirar daqui, encorajava-a com doçura.

A lei, às vezes, é madrasta e o juízo dos tribunais iníquo.

Continua na página 3

SETÚBAL

Não somos depósito de crianças

HÁ dias, tive de levar um dos nossos pequenos a um interrogatório. «É por ordem do Tribunal!», disseram-me. Em ocasiões passadas, quem fez o relatório da situação do nosso rapaz fui eu. Desta vez, tinha de ser uma senhora assistente social a fazê-lo. Contrariado!, mas fui. Não podia deitar a perder uma vida, por causa da ignorância de alguns. Estes, ainda não perceberam que a Casa do Gaiato é uma família. Não onde todos gozam, mas uma família onde todos sofrem, pois esse é o lugar onde se comunica a vida. A esta, só se chega pela dor.

Nós não somos um depósito de crianças; um depósito com uma determinada capacidade! De quando em quando, por telefone ou por escrito, perguntam-nos se temos vagas para receber rapazes. A resposta é sempre a mesma: para uma situação de abandono, sempre temos lugar; e quanto maior a aflição, mais espaço temos. Caso contrário, não temos.

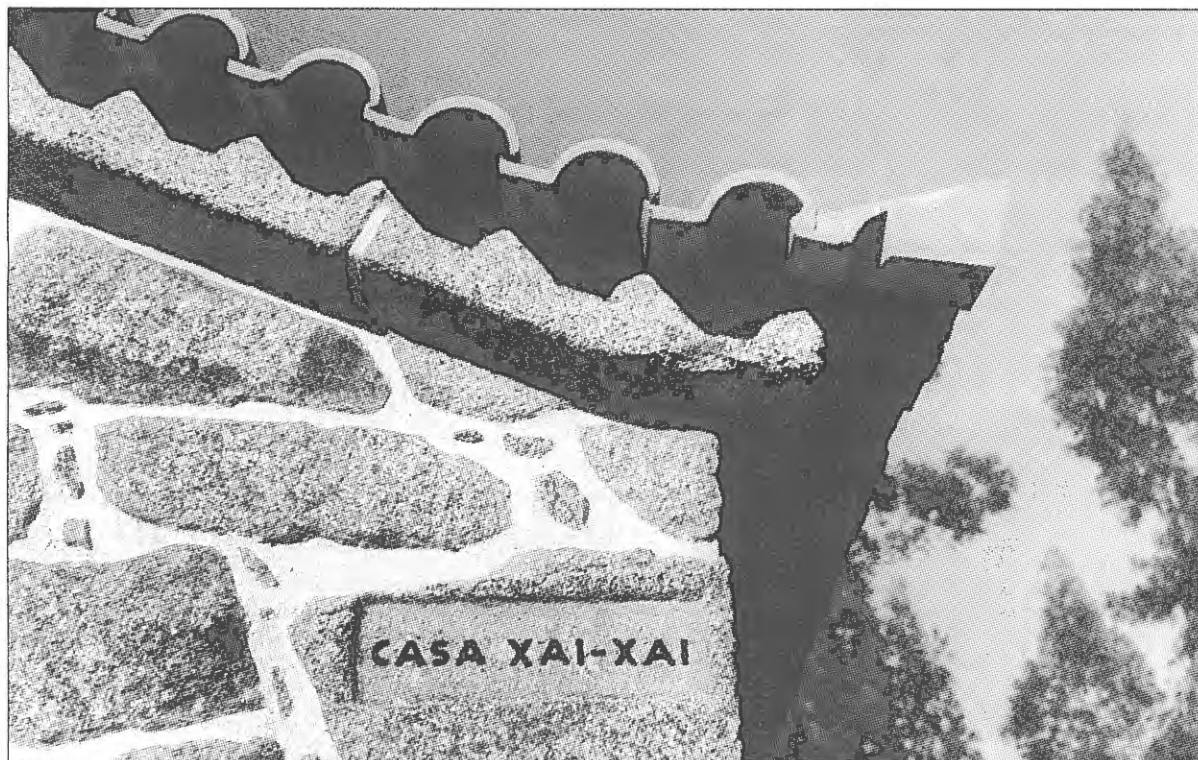
À maneira de quem possui celeiros, assim fazem estes senhores — periodicamente — vão ao armazém recolher uma amostra dos bens guardados para ver se estão em bom estado de conservação, ignoram que há quem nunca saia do celeiro, cuidando noite e dia dos bens que lhe foram entregues, para que nada apodreça. E como estes trabalhadores são filhos de boa gente, sentem-se quando há intromissão despropositada no seu trabalho! Não seria mais honroso perguntar-lhes como estão as coisas? Caso contrário dá-se a entender que não há confiança no seu zelo. E se se perde a confiança, então adeus à vida em sociedade!

Embora haja guerra, a paz nunca acabou. E se há ecos de paz, nunca a guerra deixou de se fazer.

Ainda que a guerra destrua, não pode a paz sair vencida. Até que chegue a Páscoa definitiva, uma e outra

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO



Cornija da casa Xai-Xai

Conferência de Paço de Sousa

CASA XAI-XAI — Esta casa do Património dos Pobres, que pertence ao Património dos Pobres de Paço de Sousa, acaba de ser reformada e entregue a uma família. Por isso, houve que aumentar o prédio. O valor da obra foi muito além do que a gente suporia. Mas, verdade seja, Deus aparece sempre na altura própria...

Pedimos ao empreiteiro que nos indicasse o valor da obra, e respectiva factura, pois vem lá a Páscoa e desejamos pôr em dia as nossas contas. São mais de mil e trezentos euros...

Esta moradia, entregue aos Pobres, foi oferecida pela população do Xai-Xai (Moçambique) quando por lá passámos na viagem que fizemos, com Pai Américo, cuja população no-la entregou com muita alegria e generosidade.

Conseguimos manter a placa com o nome da casa, que poderá prevalecer ainda ao longo dos anos. É com alegria que Pai Américo, lá do Céu, gostará de vê-la bem firme em sua memória.

A obra que vamos pagar ao empreiteiro, cuja morada demos a mais uma família Pobre, andarás pelo 3.500 euros, valor que nos fará falta para repararmos o aconhego de outra gente e da sua alimentação.

Esperamos a vossa generosidade... Santa Páscoa!

PARTILHA — Vinte e cinco euros de Lourdes, do Cacém, «é mais um pãozinho para os Pobres. Que Deus vos dê muita saúde», disse. Mais outra presença, de trinta euros, da mesma senhora.

Assinante 275, de Oliveira de Azeitéis, apesar de «um pouco atrasada», como afirma, presente com quinze euros.

Sobras de uma remessa enviada pelo assinante 7445, de Madalena.

Um cheque de duzentos, da assinante 57002, da Senhora da Hora, «minha pequena oferta referente aos meses de Janeiro e Fevereiro para a vossa Conferência, que poderão distribuir como melhor entenderem. Vai

um pouco atrasada, mas é dada com muito carinho para os mais carenciados que lutam com tantas dificuldades. Esta pequena migalha os possa de algum modo ajudar».

Assinante 19148, do Porto, «gostaria que aplicassem essa gotinha de amor nas despesas com a Farmácia, sempre deficitária. Deixo ao vosso critério. Um abraço do amigo de sempre».

Dez euros, com um abraço de amizade, do assinante 42037, de Carcavelos.

Vinte e cinco euros do assinante 25199, de Coimbra, «tomem nota, por favor: É da minha reforma, de 330 euros, tendo de pagar mais de 50 na farmácia, todos os meses, água, luz e telefone (bens necessários). Distribuem como acharem conveniente».

Quatrocentos e setenta euros, da assinante 31.104, Amiga de há muitos anos, a quem não acusámos recepção em uma última remessa por via de uma incorrecta gestão de contabilidade. Aqui vai a justa presença: «Leio O GAIATO, mas vêm lá outros e nós não! Deus me compreenda e já é tudo». Para além do mais, explicámos o que acontecera.

Outros cinquenta, da assinante 11856, do Porto, pedindo «uma oração pelos problemas difíceis que estou a suportar». Acredite, boa Amiga, os Pobres são os nossos maiores Amigos junto de Deus...!

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CARA NOVA — Recebemos, em nossa Casa, o Ibraim que havia fugido da Casa do Gaiato de Setúbal. Esperamos que se adapte à nossa vida o mais rápido possível.

EXCURSÕES — A maioria delas são escolares, chamadas «visitas de estudo». Oxalá tenham aproveitado algo para mais tarde recordarem a visita que fizeram à Casa do Gaiato.

RESTAUROS — Estão a remodelar as caleiras e as beiradas dos telhados das casas da nossa Aldeia, para a tornarem mais bela.

Ilídio Polónia

DESPORTO — Na penúltima edição do nosso jornal, Padre Júlio dizia: «Para os Rapazes, não há tempo a perder. Quando ainda sobram uns minutinhos antes do toque da sineta da Escola, a bola começa o seu bailado, e de pé para pé preenche rapidamente o tempo...»

É uma das ocupações, que os rapazes fazem com mais alegria e de boa vontade!... Por isso, toda a gente a tem respeitado!... e esperamos que continuem. É caso para dizer: na Casa do Gaiato, onde está um Rapaz, está uma bola. Senão vejamos:

Em 8 de Fevereiro os Infantis deslocaram-se a Baltar para defrontarem o Clube dessa localidade, onde foram recebidos com carinho por toda a gente. Apesar de estarmos a perder na primeira metade do jogo, isso não impediu que no final se registasse um resultado um pouco dilatado, aliás, traduzindo a verdade do desafio: 2-9. Todos foram unânimes em enaltecer a nossa exibição.

Em 14 de Fevereiro os Iniciados receberam o F. C. da Lixa com quem perderam por 3-4. Um jogo para esquecer. Não pelo resultado, mas pela falta de discernimento e sobretudo pela pouca concentração que os nossos Rapazes tiveram durante todo o jogo.

Em 15 de Fevereiro os Seniores jogaram em casa com o Aliança de Baltar F. C., a quem ganharam sem grande dificuldade. Apesar de ter havido um ou outro pormenor, tudo acabou sem problemas. Infelizmente ainda há gente que nos julga pelo que ouvem (...) e não pelo que somos!

Em 22 de Fevereiro os Iniciados receberam o Folgosa da Maia F. C. Um jogo renhido e disputado taco a taco até ao último minuto. Duas equipas portadoras de um futebol de qualidade, cometendo a proeza de ao fim de 90 minutos, não haver qualquer caso disciplinar. Apesar de termos ganho, os visitantes saíram daqui satisfeitos.

Em 23 de Fevereiro os Seniores receberam o G. D. da Anta e como a sorte não esteve do nosso lado, não conseguimos ganhar. O 2-3 final, não traduz a realidade do jogo.

Em 1 de Março os Iniciados defrontaram o U. S. C. de Paredes. Como sempre tem acontecido, tudo correu em ambiente de verdadeira amizade. No final, registou-se um 7-4, não sendo o mais importante!... — dizemos nós.

Em 2 de Março os Seniores jogaram fora de casa com o «Café Garoto», aqui, de Paço de Sousa. Tal como tinha acontecido na «primeira-mão», o resultado final foi-nos favorável por um expressivo 3-6. Mais uma vez a dupla Daniel e Fábio funcionou, mas também só na primeira parte. No entanto, Fábio, brilhou durante todo o jogo.

Alberto («Resende»)

Os rapazes estão com falta de equipamentos. O que temos já está velho e a pedir reforma. Se houver alguém interessado em ajudar a vestir a equipa, seria bom.

FESTAS — O Evelísio anda a ensaiar os nossos rapazes. São danças e números humorísticos, entre outros. Os nossos artistas farão as suas representações em várias localidades, como é habitual.

António Loureiro

Hino à Humanidade

*A criança
Na sua infância
É a beleza
Da Natureza
Se aprender
E souber fazer
Se amar
E ensinar
Por sentir
E transmitir
Continuará a ser
Na vida o melhor ser
E se pela vida fora
A toda a hora
Aprender
Ensinar
Fazer
Amar
Até que tiver de ser
O seu momento de morrer
Nasceu
Cresceu
Amadureceu
Envelheceu
Cumpriu o seu destino
Do coração dedico este Hino.*

Alberto Nunes

MOÇAMBIQUE

QUARESMA — Estamos em tempo de Quaresma. Ultimamente a nossa vida tem sido diferente. Mas, as nossas orações, às sextas-feiras temos feito a Via Sacra.

Quando a Páscoa chegar, teremos preparado o nosso coração para recebermos Jesus Ressuscitado.

Queremos sentir, nalgumas vezes, o pão que seria para o nosso pequeno almoço a fim de compartilhá-lo com os nossos irmãos, pobres como nós.

João Paulo

VACARIA — Março e Abril são os meses de mais leite em nossa Casa. Neste período, há muitos partos, o que implica a produção de muito leite.

Há dias atrás, a produção foi baixa. Agora aumentou consideravelmente. Que entusiasmo! Embora não tenha atingido o necessário devido à falta de alguns componentes na alimentação das nossas vacas, nomeadamente o verde e o bagaço da cevada.

A falta de chuva é que origina a falta do verde.

Carlos

CARIDADE — No dia 15 de Dezembro de 2002 recebemos em nossa Casa a tia Raquel Roldão. Terminar o seu curso de Pedopsicologia e que se voluntariara para fazer o seu estágio em África. Moçambique foi a sua preferência.

Durante a sua estada em nossa Casa, trabalhou connosco, mas com principal destaque para os nossos mais novos.

Aprendeu à medida que foi ensinando. Até breve!

Vicente Timba

DESPORTO — O futebol tem sido a modalidade privilegiada. No último Domingo, 16 de Março, jogámos com a equipa do Pró-Aves e vencemos por 2-1.

O Manuel Francisco foi o nosso Ronaldo. Marcou os golos que ditaram a nossa vitória.

O árbitro pouco estragou a festa. O nosso campeonato está cada vez mais interessante, novas equipas se inscreveram. Vai ser muito divertido.

VISITAS — Na quarta-feira de Cinzas, 5 de Março, recebemos em nossa Casa o bem conhecido pela pequenada da nossa praça «tio» Didiinho Caetano e seu elenco.

Trouxe-nos o seu programa televisivo: «Pirlim Pim Pim».

Será inesquecível a sua visita, pois proporcionou-nos um momento de alegria ímpar.

Na hora da despedida prometeu voltar um dia.

Sérgio

SETÚBAL

GAIOLA — Os serralheiros construíram uma. É redonda e está dividida em três partes, tendo uma porta fora e duas dentro. Depois de pintada, vai ser posta à frente da futura sala de televisão. O Paulo será o responsável. Ele disse que ia lá pôr melros, periquitos e outras espécies de pássaros.

CEVADA — O Amândio e o João Correia começaram a cortá-la. O Miguelito é o responsável por dá-la às vacas, misturada com palha. Às vacas leiteiras também se junta luzerna, que é uma erva muito rica em vitaminas.

POMAR — No das macieiras, meteu-se um sistema novo de rega, para que cresçam e um dia mais tarde dêem fruto, para as nossas sobremesas diárias.

LARANJA — Os rapazes têm andado a apanhá-la nos pomares. Nesta época apanha-se a «baía» que é uma laranja de boa qualidade. Depois do futebol é vê-los a comê-las com fartura.

DESPORTO — Os nossos rapazes jogaram com o C. D. R. dos Cajados, em nossa Casa. O resultado foi o que menos interessou, tendo sido uma partida agradável e de bom convívio entre todos. A nossa equipa prepara-se para um torneio a equipar em 25 de Abril e outro em Maio.

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Que os homens sensatos, permitam o sossego desta heroína, contornando a frieza dos códigos e auscultando na papelada, aquilo que, só vendo, se ajuíza.

Neste tempo marcado pelos horrores da guerra longínqua, o sofrimento próximo dos nossos irmãos, avizinha-nos a angústia da Humanidade inteira, novamente em grande dor actualizando a Paixão de Cristo.

Final de Quaresma, este tempo convida-nos à comunhão com a dor. A Eucaristia que celebramos, para não ser rito somente, obriga-nos a participar no sofrimento humano!

Padre Aclio

Setúbal

Continuação da página 1

terão de conviver. Viver, é sempre o que resta a quem comunicou vida.

Da próxima vez não sei como será. Será que o controlo estatal vai chegar a todas as famílias?

Padre Júlio

Cada pai terá de levar os seus filhos a prestar declarações a uma delegação da Segurança Social?

Se a letra mata, a burocracia tira a vida. A hipocrisia continua a ser uma senhora que anda em bicos de pés. Nós continuaremos rentinhos ao pó donde viemos e para onde voltaremos.

de chegar e trazia os restos do almoço, para os quatro. Ela, dois netos e o tal ceguinho.

Com os seus 82 anos, é ela quem vai guiando aquele barco. O senhor que lá vive está completamente cego e, segundo ela, também não ouve. Não quer ir para os seus. Sente-se bem ali. É o seu mundo, a sua vida.

Se fosse com algum de nós, de certeza que já tínhamos arranjado maneira de nos vermos livres do senhor.

Enfim, são os Pobres a cuidar dos Pobres!

Serve de exemplo para a nossa vida. É onde vamos encontrar forças para continuarmos com as nossas visitas, sendo também portadores da vossa ajuda para eles.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO

— De Valongo, Emília Baptista, sessenta euros. Da amiga Lúcia, de Fiães, cem euros. De Lisboa, Basília Araújo, cheque de trinta.

A todos o nosso muito obrigado; Pai Américo, lá do Céu, interceda por vós.

Olga e Valdemar

MIRANDA DO CORVO

CONVÍVIO FRATERNAL — Seis dos nossos rapazes estiveram num, em Proença-a-Nova. Nele, estiveram presentes muitos outros rapazes e raparigas, eram cerca de sessenta, mais ou menos da mesma idade e com o mesmo objectivo: reflectir, fazer amigos, dar testemunho da sua fé e partilhar a alegria de estarmos juntos em Nome de Deus.

PISCINA — Já podem vir dar um mergulho, pois está pronta.

Foi revestida de pequenos quadros azuis, o que irá fazer com que pareça mais límpida a sua água. No exterior há um belo jardim que realça ainda mais a sua beleza.

Todos os rapazes estão encantados e ansiosos para darem um mergulho.

CAMPANHA DE ASSINATURAS — Continua a decorrer com a ajuda

do nosso Padre Carlos, vindo do Porto todos os fins-de-semana da Quaresma. Tem corrido muito bem e a ritmo acelerado.

No primeiro Domingo da Quaresma, estivemos em algumas igrejas da baixa de Coimbra: Santa Cruz, Sé Nova, S. Bartolomeu e outras.

No segundo Domingo, estivemos em Ceira, onde recolhemos mais de cinquenta assinaturas.

No terceiro Domingo, o nosso Padre João esteve com alguns rapazes na Igreja de S. José, enquanto o nosso Padre Carlos esteve na Igreja dos Franciscanos dos Olivais, com dois rapazes.

Se conhecer alguém que ainda não seja assinante, ofereça-lhe uma assinatura nesta Quaresma.

LAR — No passado Domingo, dia 16, os rapazes do Lar chegaram a Casa e ficaram transtornados ao contactar que foram assaltados.

Nesse mesmo dia, da parte da manhã, os nossos vizinhos viram três rapazes a carregar coisas para um carro, com toda a calma e simplicidade, levando os vizinhos a pensar que eram rapazes e as coisas teriam destino a Miranda do Corvo, para nossa Casa.

Esses três rapazes assaltaram o Lar, arrombaram portas e levaram a roupa dos nossos companheiros, que tinham passada e arrumada dentro das gavetas dos quartos; comida, salsichas, bacalhau, marmelada, chouriços, etc., coisas em que o nosso Padre João tinha gasto mais de quinhentos euros. Levaram, ainda, calçado, material escolar, mochilas, máquinas calculadoras, que são bem precisas para os alunos do último ciclo e passavam o valor de cem euros cada uma.

A Polícia Judiciária cá veio, mas não valeu de nada. Sabe-se que entraram pela varanda, mas já foram tomadas medidas de segurança.

Adriano

TOJAL

FESTAS — Pois é! — é como tudo na vida, as coisas nem sempre têm o mesmo rumo até ao fim e, para que isso aconteça poucas vezes, é necessário parar e olhar dentro do nosso interior e colher todos os frutos apodrecidos nele existente, para que nada dificulte o crescimento de novos frutos.

É com muita pena que informamos que, este ano, não iremos realizar as nossas Festas devido à crise que estamos a enfrentar.

HORTA — Foi plantada a cebola, o alho e semeada a fava.

Se Deus quiser teremos boa colheita.

CARAS NOVAS — São sempre bem vindos nesta comunidade. Três meninos bateram à porta, a qual lhes foi aberta para os acolher.

Desejamos boa sorte, bom aproveitamento e que sejam também eles testemunhos de amanhã.

«SÓ NO GAIATO» — Na hora de cumprir as suas tarefas, enquanto os outros trabalhavam, o Gonçalo teve a mais brilhante ideia para aquela tarde. Arranjou uma cana de pesca, dirigiu-se ao largo principal, onde se encontra o lago, e, tranquilo e descansado da vida, pôs-se a pescar com toda a calma do mundo.

Abílio Pequeno

DOCTRINA

*Dar sem condições
nem restrições
é a maneira como Deus nos dá*



TEVE lugar, como aqui foi anunciada, a corrida aos postos emissores do Porto, no dia e hora marcados. Tudo nos seus lugares: os proprietários, os locutores, os ouvintes. Alguns senhores da ala dos namorados quiseram sacrificar o dia inteiro e um deles até emprestou o seu carro e pediu autorização para circular, pois que o dia não era da marca. Eu fui de todos o que teve menos trabalho e mais proveito. Os jornais do dia disseram, e é verdade, que o bolo andou por trinta e três mil escudos. Houve notas muito curiosas em dádivas muito pequeninas. As crianças acudiram em grande número. «Mais tanto do menino X e da menina Z», eram os telefonemas de toda a hora. Outras crianças vinham pessoalmente entregar no local das emissoras. A chuva daquele dia, intensa como foi, não meteu medo aos pequeninos apaixonados. Vinham também donativos de pessoas de todas as classes sociais, da mesma forma e com o mesmo risco de chuva. Um cavaleiro deixou uma nota de mil escudos e desapareceu. A seguir vem um homem de condição humilde: «Tome lá o meu ganho de hoje». Era uma placa de dez escudos! E muitos! E sempre! E em todos os postos! Vinham igualmente seres andrajosos com crianças pela mão, pedir lugar na Casa do Gaiato e regressavam pelo mesmo caminho. Nós não temos espaço nem organização, por enquanto. Mas num dos postos aparece um rapaz sozinho. Pergunta onde eu estou. Quer falar. Insiste. Dizem-lhe que eu estou ocupado. Que tenho dito aos outros que não. Não importa. O rapaz espera. «Hei-de falar-lhe», exclama. Falou; disse a história; não t'a digo, para te poupar. É agora um dos nossos! Para estes tem de haver lugar. É o nosso Bom Deus que os envia.

FOI o dia da Casa do Gaiato, aquele dia. Dez deles venderam, nas ruas, mil e quinhentos exemplares do nosso jornal. Os postos emissores levaram notícias da Obra da Rua a milhares de ouvintes na cidade; rajada de paz e de bem! As lágrimas da criança que teve fé e soube esperar a hora, essas foram o selo branco de tão faustoso dia.

ENQUANTO o clamor dos donativos daquele dia ressoa nos fios das emissoras com a nota pessoal do pequenino «dou para que Deus me dê», há alguém no Porto que, no dia seguinte, vai levar cinquenta contos ao Banco Espírito Santo, num *dou* sem condições nem restrições, que essa é a maneira como Deus nos dá. Tenho aqui, neste momento, o recibo do Banco, datado de 11 de Dezembro de 1944. Um anónimo. Ninguém. Oh felicidade de saber dar, canonizada por Deus! Por isso mesmo que soube calar-se, meu senhor ou minha senhora — e ainda porque dá sem pedir — já recebeu a sua mercê.

D. Amén. 15!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

CANTINHO DAS SENHORAS

O nosso dia-a-dia

Ó Senhora:

- Senhora, tenho fome.
- Senhora, não quero mais.
- Senhora, eu não gosto.
- Senhora, isto é fixe.
- Senhora, não invente.
- Senhora, já está bem.
- Senhora, quero um gelado.
- Senhora, acabei, dê-me um docinho.
- Senhora, dê-me um rebuçado.
- Senhora, quero merenda.
- Senhora, quero um chupa-chupa.
- Senhora, perdi o casaco.
- Senhora, quero roupa.
- Senhora, tenho as botas molhadas.
- Senhora, dói-me a barriga.

- Senhora, quero ir ao médico.
- Senhora, quero remédio.
- Senhora, não tenho sono.
- Senhora, roubaram-me os chinelos.
- Senhora, quero pijama e meias.
- Senhora, estou molhado.
- Senhora, quero uma pilha
- Senhora, tem telemóvel?
- Senhora, quero uma máquina.
- Senhora, isto é foleiro
- Senhora, quero calças giras.
- Senhora, arranje-me as calças.
- Senhora, ajude-me no trabalho.
- Senhora, quer ajuda?
- Senhora, que vamos fazer?

Tal como David e o Povo cantavam hinos de louvor e petição a Deus, assim também, hoje, fazemos. Um dia daremos Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Amen.

Selene

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Março,
62.300 exemplares.

TRIBUNA DE COIMBRA

Os nossos mais velhos

«FILHOS criados, trabalhos dobrados», era assim que Pai Américo sintetizava algumas das dores da sua paternidade. Assim, connosco. Temos um grupo, pequeno, dos que já estão na maioridade. Aqui, as nossas consolações e muitas preocupações. Nenhum deles goza, pelo facto de ser mais velho, de qualquer estatuto especial que não seja o de continuar a pertencer à família com responsabilidades acrescidas, tanto de «comando» como, e principalmente, de serviço. Assim se entende o posto de chefe, de «comando».

Quase todos já trabalham, diariamente, fora de Casa, em empresas, ou se encontram a prosseguir estudos secundários ou de formação profissional. Todos têm a sua conta bancária para onde são canalizadas as suas economias em vista do seu futuro. São contas deles e por elas também dão conta e estão a par.

É sobre este pequeno grupo que recai a responsabilidade da vida da Casa. Quando o empenho é total, total é o êxito da Casa. Eles, no exercício do seu múnus de chefe-irmão mais velho, são os melhores monitores e os mais credenciados vigilantes. Nada lhes escapa e não é fácil, estando a consciência bem formada e limpa, deixarem-se enganar ou corromper. Aqui a nossa atenção permanente.

De vez enquanto reunimo-nos. Ouvimos o pensamento espiritual de Pai Américo, rezamos, avaliamos o nosso viver diário e, quando algum faz anos, vamos a qualquer sítio para festejar à volta de refeição íntima.

Um ou outro que já namora tem o seu tempo livre para o fazer com liberdade e consciência sem que tenha de sacrificar o bom andamento da vida de família que somos.

Gostamos de ouvir dizer bem deles; que se portam bem no seu trabalho, que são educados e respeitadores e que dão rendimento.

Contudo, talvez, nem sempre se saiba do trabalho, o tempo ou se conheçam suficientemente os valores sobrenaturais que norteiam a sua educação que é preciso manter e alimentar diariamente na oração simples e familiar do Terço ou na grande oração dominical que é a Missa. De quando em vez, Retiros e outros cursos de formação. Até as entidades patronais têm a ganhar com uma ou outra ausência. O dinheiro não é tudo! A construção humana não tem preço. Queremo-los próximos de nós, como troncos da mesma fogueira na lareira da família. Sempre presentes, nunca ausentes, assim os nossos mais velhos. Sempre confrontados com a máxima de Pai Américo: «Nós somos a Porta Aberta». Nenhum está preso!, mas rezamos e insistimos com o Céu para que se «deixem prender»... resistindo à sedução da vida fácil que tantos «amargos de boca», mais tarde ou mais cedo, provoca, com danos irreparáveis.

Padre João

ENCONTROS EM LISBOA

Tempo de Quaresma

AVANÇA, marcado, este ano, a nível internacional, por uma guerra e, a nível interno, por uma crise económica e de orientação. Chamamento à reflexão sobre o nosso rumo quer como povo, quer como mundo dos homens.

Num destes Domingos da Quaresma a Palavra de Deus recordava os Mandamentos. A experiência árdua de pessoas que atravessam o deserto e se querem constituir como povo. Para tal, vão, pouco a pouco, percebendo que precisam de criar princípios que rejam suas vidas e orientem o seu caminhar colectivo, a fim de poderem viver com dignidade e sem atropelos de uns sobre os outros.

Hoje estamos bastante sensíveis às injustiças sociais a nível do discurso, pena é que, na prática, ainda não tenhamos encontrado os caminhos conducentes a uma maior fraternidade. Com efeito, quando

aparecem as crises económicas e sociais, são sempre os grupos mais débeis que sofrem.

Por nossa Casa, a crise começou a passar a vários níveis. Os primeiros a sentir foram os rapazes que se preparavam para comprar casa e se viram impossibilitados de o fazer. Surgem depois aqueles que foram terminando cursos em áreas ligadas à construção civil e viram as empresas a despedir pessoal. Aparecem depois os Pobres dos nossos arredores que se vêm queixar, porque não conseguem o trabalho precário que tinham e então surge o pagamento da electricidade, da água, da renda de casa... Há dias, um dos nossos rapazes que comprou casa e se viu desempregado perguntava-me se ia ficar sem tudo aquilo que constituiu o sonho da sua vida e, para onde iria com a mulher e o filho... Depois surgem ainda os grupos já marginalizados, mas os ciganos, mas agora ainda mais, devido às quedas nas suas pequenas vendas e pedem alimento para os seus filhos e que paguemos as receitas... Às vezes, olhando para essas receitas, sentimos que são doenças nascidas na deficiente alimentação, deficiente higiene, deficiente habitação...

Tempo de Quaresma é tempo de deserto a fim de olharmos para a nossa marcha como povo que precisa de encontrar a capacidade de se fortificar, integrando os mais fracos a fim de todos partilharmos os bens recebidos e vivermos em paz.

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

Notícia muito triste

EM Angola, de cada três crianças que nascem há uma que morre, antes dos cinco anos. Esta notícia é muito triste. Se me perguntarem o que se deve fazer, ponho as mãos na cabeça e tomo a decisão de andar mais e mais depressa para que as mães que nos procuram vão ter os seus filhos em lugares mais seguros e sejam acompanhados, a tempo e horas, quando adoecerem. É a primeira reacção. Mas, que fazer antes e depois?

Há multidões de bebés que são concebidos, nascem e começam a crescer sem o mínimo de condições para poderem sobreviver. Meninas adolescentes que se tornam mães precoces, quando deixam os filhos nascer, não têm

alguma preparação humana para a missão de mãe atenta e responsável. São multidões!

A este propósito, alguns dias atrás, em mesa redonda sobre a criança da rua, apontava a maternidade irresponsável da rapariga, sem o mínimo de preparação humana, económica e afectiva, como uma das causas do aumento assustador dos filhos da rua. Ao falar da rapariga estou a falar também do rapaz ou parceiro de qualquer idade. Confesso que este assunto tem sido causa de grande preocupação interior no acompanhamento do elevado número de jovens que fazem parte da nossa comunidade.

Em cada três crianças morre uma, antes dos cinco anos! É uma percentagem altíssima de mortali-

dade infantil. Estamos atentos. O nosso pequeno infantário, com mais de seis dezenas de crianças, orientado com muita devoção e carinho pela avó D. Luísa, ajudada por algumas mães, é sinal positivo a apontar caminhos de resposta a problema tão grave. É um espaço e uma oportunidade para ajudarmos as crianças e as mães. Ao primeiro sintoma de doença são atendidas, de imediato, no posto médico, a funcionar em nossa Casa, ou são encaminhadas para o hospital. Quantos bebés e crianças, até aos cinco anos, estão sãos e salvos, graças aos cuidados simples que lhes são prestados, a tempo e horas! Quem dera houvesse voluntários e voluntárias que se dispusessem a dar algum tempo da sua vida para que estas crianças tivessem vida e não morressem de forma tão indigna!

Os meios materiais são necessários. É preciso dinheiro para comprar os medicamentos que, por sinal, são caríssimos para o nível de vida da população, em geral.

Reflectindo

SE evangelizar fosse, essencialmente, expor com sapiência o conteúdo dos Evangelhos, não haveria lugar para o grito de alma, e também de alerta, que voltámos a escutar neste terceiro Domingo da Quaresma, da pena de S. Paulo, o maior Evangelizador de sempre: «Quanto a nós, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios; mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus».

A resistência que o Apóstolo experimentou dos judeus, «que pedem milagres», e dos gregos, «que procuram a sabedoria», é uma constante de todos os tempos — com que devem contar e para a qual têm de dispor-se os «chamados», os que entenderam «o que é a loucura de Deus e o que é a fraqueza de Deus» como a suprema sabedoria e a suprema força dadas aos homens.

Mesmo sem preconceitos maldosos, esta resistência é natural ao homem. O próprio Jesus Se debateu com ela entre os Seus Discípulos quando lhes levantou o véu sobre «a Sua hora», que se avizinhava, e ouviu de Pedro a contestação: «Isso não há-de ser, isso não pode acontecer...» E ripostou-lhe com uma palavra dura Aquele que é «manso e humilde de coração»: «Tu não aceitas os desígnios de Deus. Tu és para Mim satanás». Mas como conhece como ninguém a incapacidade do homem para o sofrimento, Ele mesmo preparou os Seus Discípulos de eleição para o entendimento dos revezes por que passa necessariamente toda a vitória definitiva, de projecção eterna, transfigurando-Se diante deles.

É o próprio Senhor, conforme o trecho do Evangelista S. João que hoje lemos, que continua a preparar os discípulos de todas as gerações para focarem n'Ele o seu olhar e aprenderem d'Ele, crucificado, o caminho a seguir, que será com certeza polémico, aparentemente absurdo, às vezes, até, subversivo, frente aos critérios do mundo e interesses instalados, defendidos pelos «judeus e gregos» de todos os tempos. E termina este trecho do Evangelho com uma advertência importantíssima para os que quiserem ser verdadeiramente discípulos de tal Mestre: Apesar dos muitos adeptos que acorriam, «ao verem os milagres que fazia, Jesus não se fiava deles porque os conhecia a todos e não precisava de que Lhe dessem informações sobre ninguém: Ele sabia o que há no homem».

«O que há no homem» — eis o que faz dos homens evangelizadores: «Apaixonados de Cristo, podem não ter carismas sensíveis nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo» — itinerário para a vida que Pai Américo nos deixou. E mais: «Recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido são obreiros do Senhor que vêm a obra feita antes de começada».

Também naquele 13 de Maio em que o Bispo de Leiria, D. José Correia da Silva, lhe deu a palavra em Fátima, Pai Américo falou como S. Paulo: «Eu não sei mais nada, eu não sei dizer mais nada senão Jesus Cristo e Cristo crucificado»... Hoje, na pessoa de tantos homens e mulheres e crianças que o mundo deixa crucificados. E falou dos sem-casa — e foi o lançamento do Património dos Pobres.

Testemunhar pela vida, «revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo» — a presença d'Ele, vivo, no meio dos homens como a Fonte de todos os bens com que se pode instaurar a Justiça do Reino de Deus — eis o argumento dos Evangelizadores.

Que fez de Francisco de Assis o «Cristo» da Idade Média senão «a fraqueza e a loucura de Deus» que ele abraçou?!

E neste nosso tempo, alguém tem dúvidas sobre as armas com que Madre Teresa de Calcutá «combateu o bom combate» ou põe reservas à solene proclamação de Santidade que se espera para breve?!

Padre Carlos

Acredito que boa parte das mortes das crianças é devida à falta destes meios. Mas não só. Há um problema de falta de educação de base. Por isso, é absolutamente necessária a presença humana que dê a mão às mães para que estas se ponham a caminho dos postos de saúde, a tempo e horas, antes que a doença vá adiantada demais.

Há ONG's que estão a trabalhar nesta área da vida com muita eficácia. Sentimos a sua presença bem perto de nós. Que transformações se operam em crianças subalimentadas com a morte à sua frente! Que maravilha! Mas é preciso quem trabalhe mais. Uma das pedras de base é a educação das mães. Falo das mães, porque são elas que levam o encargo, quase exclusivo, do cuidado dos seus

bebés e crianças. Por isso, a alfabetização tem o seu papel de alicerce. É interessante como, há medida que vamos entrando no coração dos problemas, descobrimos pistas que nos levam à raiz dos mesmos. Se queremos, de verdade, ser eficazes temos de ir ao encontro das pessoas, e ajudá-las a acreditar que a vida é, também, para os seus bebés. Fazemo-lo, quando pegamos neles, levamos-os ao posto de saúde, pagamos os remédios e ajudamos-os na alimentação. É uma fase da vida em que se encontra grande parte do nosso Povo.

Ao tocar num tema tão sensível, quem pode ficar indiferente? Estamos em plena Quaresma.

Padre Manuel António